IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

MULHERES E SEUS PODERES DE TRANSFORMAÇÃO: ORÁCULOS, FORÇAS E MAGIAS PARA REENCANTAR A EDUCAÇÃO

Eixo Temático ***EIXO 06 - CORPO, GÊNERO E EDUCAÇÃO / AXIS 06 - BODY, GENDER, AND EDUCATION***

Ana Rita Mayer[1]
Martha Giudice Narvaz [2]

RESUMO

Na intenção de contribuir com a criação de ferramentas e intervenções feministas decoloniais na educação, este trabalho propõe a criação de práticas educativas a partir do oráculo Mulheres e seus Poderes de Transformação - conjunto de 40 cartas com imagens de mulheres protagonistas e revolucionárias. Tomando o oráculo como ferramenta que reativa a magia da força subversiva das mulheres por meio de suas imagens e histórias, problematizando as representações estereotipadas de gênero, apresentamos práticas que vêm produzindo encontros e afetamentos na direção do resgate das forças das mulheres ao longo da história. Propomos a bruxaria e o pensamento mágico como dispositivos de resistência e reencantamento, sobretudo no que tange à valorização das forças e das histórias das mulheres, ainda tão negligenciadas na educação.

Palavras-chave: Educação feminista decolonial. Oráculos. Magia. Saberes Contra-hegemônicos.

INTRODUÇÃO

É histórica a tentativa de exclusão das mulheres dos espaços de saber/poder. No campo da educação, ainda na atualidade, nos livros didáticos, por exemplo, além de

1 Mestranda do Mestrado em Educação Profissinal da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGED/UERGS) - email.pra.ana@gmail.com
2 Profa. Dra. do Mestrado de Educação Profissinal da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGED/UERGS) - martha-narvaz@uergs.edu.br

imagens estereotipadas, há uma invisibilidade das mulheres, sobretudo as racializadas, como produtoras de conhecimento e cultura (Vera Lúcia Caixeta; Daniel Arruda, 2023). É preciso problematizar tais omissões, uma vez que as imagens são potentes dispositivos de subjetivação (Paola Zordan, 2017) e nos (in)formam, impondo uma certa pedagogia (Loponte, 2008).

Buscamos aqui apresentar algumas possibilidades de resistência criativa à desqualificação dos saberes e das imagens das mulheres, resgatando suas forças por meio dos oráculos. Mas cabe perguntar: Pode um oráculo ser força de resistência no campo da educação? O oráculo que apresentamos aqui é o Mulheres e Seus Poderes de Transformação (2024), um conjunto de quarenta cartas que trazem imagens[3], selecionadas pela força que emanam de mulheres reais de diversos contextos históricos e sociais, como exemplo: Elza Soares, Marielle Franco, Vandana Shiva, Marsha P. Johnson, Frida Kahlo, dentre muitas outras. A escolha priorizou a diversidade de épocas, origens e etnias, e a forma revolucionária como elas romperam barreiras de seu contexto social, reivindicando direitos e ocupando novos espaços. O oráculo acompanha um pequeno livreto com o resumo da biografia de cada uma das mulheres representadas, junto a uma definição poética sobre uma palavra a ela associada, relacionada a uma força ou qualidade, criação da autora com inspiração nas trajetórias destas mulheres. Isso está demonstrado na Figura 1. Por exemplo:

> Harriet Tubman (1822 – 1913) nasceu escravizada no sul dos Estados Unidos, de onde fugiu a pé até a Filadélfia, onde a escravidão não era mais legal. Lá, Harriet juntou-se a rede de ativistas e voltou clandestina diversas vezes ao sul, para resgatar cerca de 300 pessoas da escravidão, incluindo familiares e amigos. (...) Harriet sabia que sua liberdade não seria plena enquanto seu povo não estivesse livre também. **Solidariedade** é quando sabemos que somos parte de um coletivo, e assim potencializamos nossas

3 As imagens utilizadas são de domínio público, capturadas na internet.

> qualidades e ações em prol de um objetivo maior. (Ana Rita Mayer, 2024, p. 22))

O oráculo M.P.T. traz uma perspectiva feminista de conhecimento na medida em que dá visibilidade às trajetórias revolucionárias destas mulheres - o que pode incidir de forma transversal e interdisciplinar em várias práticas da educação básica. Pretende-se contribuir com a implementação da lei 14.986, sancionada em setembro de 2024, que acrescentou à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) a inclusão de abordagens que considerem as experiências e perspectivas femininas nos currículos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País (Brasil, 2024). Além disso, o oráculo é também um convite para uma educação por meio do sensível. O oráculo não é um dispositivo pronto, e assume diferentes formas à medida que é utilizado, produzindo diferentes efeitos nas pessoas que o experienciam. Pode ser utilizado tanto nas práticas educativas escolares quanto em momentos de formação docente, bem como em muitas novas e criativas formas.

FIGURA 1: Imagem das cartas do MPT

Fonte: arquivo da autora.

Desde a realização de rodas de conversa, pesquisas, feiras, atividades de expressão artística junto a estudantes ou práticas pedagógicas em contextos escolares diversos como o prisional, educação de jovens e adultos, dentre outros, as cartas atuam como disparadoras de conversas e dinâmicas diversas. Utilizadas para trabalhar aspectos de valorização das histórias das mulheres, envolvendo questões de gênero/corpo/poder, estas práticas têm gerado interesse e curiosidade pelos espaços por onde têm transitado. Nestas experiências, é comum observar o "espanto" diante do fato de você "tirar uma carta" e ela "casualmente" ter a ver com você. Algo acontece. Há uma conexão entre as forças das imagens e das palavras. Essa experiência provoca a pensar o lugar do saber intuitivo na educação: Como criar espaço para ele? Como apostar num saber contra-hegemônico, que não seja o racionalista e cientificista, nas práticas educativas, sobretudo no que tange ao trabalho com as questões de gênero e sexualidades?

METODOLOGIA

Baseado em estudo documental (Gil, 2002), são apresentados relatos de encontros realizados com educadoras e estudantes em diferentes espaços. Indagam-se seus efeitos e criam-se novas formas de utilização, para assim inspirar educadoras e educadores a incluir em seu fazer educativo dinâmicas e atividades que dêem visibilidade às histórias das mulheres, resgatando sua força e seu protagonismo, realizando sutis - ou não - rompimentos com o ensino tradicional e hegemônico. Busca-se, assim, contribuir com práticas educativas que desconstruam estereótipos de gênero e resgatam as forças e as contribuições das mulheres ao longo da história.

REFERENCIAL TEÓRICO

Oráculos são ferramentas que rompem com a lógica de causa e efeito dentro de um tempo linear, ampliando nosso repertório de possibilidades de pensamento e criação. São instrumentos de magia, no sentido de provocarem uma relação não-racional-lógica com o conhecimento, de produzirem sabedoria através da intuição - também uma forma de conhecimento. Não interessa aqui estabelecer sua "validade" enquanto "verdade" - "será que ele funciona, ou não?" Importa pensar as forças que podemos mobilizar por meio dele na direção de uma educação não apenas assentada nos paradigmas racionalistas, patriarcais, colonialistas e racistas hegemônicos da educação escolarizada que ainda estruturam nossos currículos.

Os oráculos estão presentes em diversas culturas e têm origem em muitas épocas diferentes, podendo ter inúmeros formatos e materiais. Para Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2019), educadores e pesquisadores de culturas populares, o Ifá - oráculo da cultura yorubá - é um "sistema poético que guarda as narrativas explicativas de mundo [...] princípio/potência múltiplo que opera em diferentes tempos/espaços sendo pluriversal, plurilinguista e polirracional" (Simas; Rufino, 2019, p. 37).

Tomamos a "magia" enquanto forma de saber e potência de criação, um sistema de pensamento e de ação no mundo cujo funcionamento não está embasado em "comprovações científicas", em explicação do tipo causa e efeito. E é justamente por não atender às regras do método científico que a magia é considerada um conhecimento "menor", com menos validade. As ciências, desde seu surgimento na modernidade racionalista, buscaram apartar-se de determinados saberes, incluindo-se aí os saberes produzidos e praticados pelos não europeus e pelas mulheres, dentre eles: a alquimia, a

feitiçaria e o xamanismo, práticas e saberes desqualificados e marginalizados pelo pensamento humanista, patriarcal, racionalista e colonial (Perencini, 2020; Starhawk, 2018).

Houve um tempo, inclusive, no qual ciência, magia e religião não constituíam domínios separados. Paola Zordan, em "Os saberes Mágicos do Início da Modernidade" (2013), resgata a alquimia como a expressão de uma época em que "Ciência, filosofia, arte e magia tratavam da mesma coisa: Da procura incessante das causas profundas, cujo conhecimento seria a chave para a decifração dos signos invisíveis que regiam o corpo e a Natureza" (Zordan, 2013, p. 158). Para esta autora, pensamento mágico é um sistema de pensamento que considera forças e sensações que não se traduzem em imagens já dadas. O pensamento mágico aqui invocado "desafia os postulados da ciência moderna, o que não implica recairmos em um pensamento anticientífico, mas nos obriga a escrever esgueirados para além das categorizações disciplinares nas quais fomos catequizados" (Perencini, 2020, p. 20-21).

O que perde a educação quando dá continuidade ao processo de apagamento destes saberes? Resgatar os saberes mágicos e os poderes que trazem consigo é uma forma de resistir à desqualificação das mulheres como produtoras de conhecimento e fazer o enfrentamento à educação racionalista colonial e na tentativa de despatriarcalizar a educação.

DISCUSSÃO

Em "Gaia educação" (2019), Paola Zordan propõe uma educação alegre, criativa, sensível, que não busca o controle, a permanência ou a estabilidade: "Gaia educação não se ocupa em representar, reproduzir, identificar, classificar, mas discernir forças e se arriscar em experimentações" (Zordan, 2019, p. 18). Enquanto a educação tradicional tenta dar conta de explicar os fenômenos do mundo "como eles realmente são", a matéria se transforma. Gaia Educação é um convite a deixar fluir o pensamento atravessado pelas sensações. Seria possível dançar com a imprevisibilidade e o caos, para então inventar uma outra educação?

Para a arte-educadora e pesquisadora Hong-An Wu, o Tarot - um dos oráculos mais conhecidos e popularizados no ocidente - seria uma "tecnologia de cuidado, com potencial pedagógico, para educadores e, quiçá, para estudantes" (Hong-An Wu, 2020, p. 201). Ela considera a tecnologia uma "forma de conhecimento" ou ainda "o que as pessoas fazem a partir do conhecimento": A relação entre fazer e saber. Para além do objeto material, ela traz a importância das intenções e reflexões que cada objeto pode vir a manifestar - é aí que reside o significado desse objeto.

A socióloga brasileira Fátima Tavares (1999) propõe a utilização e o aprendizado do Tarot como uma forma de transpor as divisões de saberes da modernidade intuição x razão, pois quando é realizada a leitura de uma carta se articulam ambas as formas de conhecimento. O aprendizado do Tarot, para ela, permite "uma nova forma de percepção de si mesmos e do mundo, no intuito de criar alternativas a uma realidade cotidiana que, em termos sociológicos, pode ser

compreendida como - potencialmente, pelo menos - desencantada." (Tavares, 1999, p. 99). Ele seria, portanto, "vivenciado como uma 'porta de acesso' possível a uma busca mais ampla de sentido, ou de reencantamento do mundo" (Tavares, 1999, p. 99).

Arriscar-se em experimentações é também aproveitar os vazios e as brechas do ensino hegemônico - racionalista, patriarcal, racista, heterosexista, conservador - para inventar outras práticas. Nesse sentido, o oráculo convida a criar imaginários por meio das identificações com as imagens e histórias das mulheres aí representadas. MPT povoa o imaginário com uma visualidade daquilo que foi invisibilizado, negado, excluído. Por meio das imagens, o oráculo afeta, produz sensações e realiza conexões do sentir com o pensar. Ele não traz respostas prontas, mas instiga novas associações. A criação de novos sentidos faz-se resistência, revolução, sobretudo em se tratando de imagens de mulheres inspiradoras e transgressoras, que desafiam os cânones tradicionais das imagens do feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos o oráculo como ferramenta que mobiliza encontros, gera afetos e potencializa as vivências educativas, produzindo conhecimento a partir da relação entre o intelectual e o sensível, sobretudo por se tratar de encontros com imagens. Nesse sentido, a descolonização do feminino "não é possível sem um processo de cura realizado por meio de imagens transformadoras" (Cláudia L. Costa, 2020, p. 320).

Esse trabalho se implica na construção de uma educação que considere a multiplicidade de formas de aprendizagem, que valorize subjetividades e diferenças, e que inclua epistemologias não eurocêntricas e não patriarcais e pensamentos de tradição não apenas racionalista. Porque, "se toda a história da escrita se confunde com a história da razão" (Hélène Cixous, 2022, p. 49), precisamos invocar as forças invisíveis do inconsciente e da magia, "lugar no qual sobrevivem os recalcados: as mulheres e as fadas. [...]" (Cixous, 2022, p. 51).

Ao darmos visibilidade às trajetórias e histórias das mulheres, resgatando os saberes mágicos, dissidentes e contra-hegemônicos ao ensino racionalista tradicional, pretende-se (ins)pirar práticas (in)docentes, indecentes e irreverentes, em especial, no que tange às possibilidades de trabalho com as questões de gênero, corpo e sexualidades no campo da educação. Soprar poções mágicas sobre a educação e deixar, assim, que a força das mulheres irrompa pelas brechas do projeto colonial, convidando à invenção de novas e ousadas formas de performar corpos, sexos, gêneros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei n. 14.986, de 25 de setembro de 2024***.** Dispõe sobre a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 set. 2024.

CAIXETA, Vera Lúcia; ARRUDA, Daniel Leda de. Imagens de mulheres indígenas no livro didático: uma abordagem decolonial. *Revista Escritas,* v. 15, n. 1, p. 187-209, set/2023.

CIXOUS, H. *O riso da medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

COSTA, C. de L. Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje:* Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, pp. 320-344.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa.* São Paulo: Atlas, 2002.

LOPONTE, L. G. Mulheres e artes visuais no Brasil: caminhos, veredas e descontinuidades. *Visualidades*, v. 6, p. 13-31, 2008.

MAYER, A. R. *Mulheres e seus poderes de transformação.* Porto Alegre: Publicação Independente, 2024.

PERENCINI, T. B. *Educação, filosofia e magia*: uma anarqueologia do cuidado de si entre o Daimon e os sonhos [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020

RUFINO, L.; SIMAS, L. A. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

TAVARES, F. R. Tornando-se Tarólogo: Percepção "Racional" versus Percepção "Intuitiva" entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro. *Numen*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 97-123, 1999.

ZORDAN, P. *Gaia educação*: Arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.

ZORDAN, P. Os Saberes mágicos do início da modernidade. *Revista Teias* v. 14, n. 33, pp.157-167, 2013.

WU, H. Tarot as a Technology. *Journal of Cultural Research in Art Education*, v. 37, n. 1, 2020.